

A Carla Ficou Grávida! E Agora?

A Família Inserida na Sociedade Actual: «Exigências» de Adaptação

MARIA DE JESUS CORREIA (*)

1. A FAMÍLIA COMO SISTEMA: INFLUÊNCIA DO MEIO EXTERNO

1.1. *A família: como a pensamos num sistema de inter-relações membros/meio.*

Iremos iniciar com uma pequena reflexão sobre a família e sobre o modo como se influenciam num duplo retorno o indivíduo e a família em que se insere.

Na nossa opinião a família é considerada um sistema composto pelas relações «inter» e «intra» dos seus elementos, sistema este que se organiza em função de objectivos e princípios comuns que, só fazem sentido, numa conceptualização do todo.

Mas, por outro lado, a Família enquanto sistema aberto sofre influências de toda a sua «entourage» social e cultural, logo, mudanças de valores sociais, familiares, educacionais, mesmo da estrutura da família, apelam à existência de uma capacidade de adaptação e reorganização rápida e eficaz possibilitando assim a caminhada desenvolvimentista dos seus elementos e, consequentemente, dela mesma.

Só que, nem sempre a família está preparada para «lidar» com alguns «problemas» que se deparam aos seus membros e que, obviamente vão alterar toda a dinâmica relacional que a caracterizava quando em equilíbrio.

Podemos pensar como, para alguns sistemas familiares, acontecimentos de impacto socio-emocional marcado, como por exemplo: o desemprego, a imigração, a gravidez num adolescente, podem implicar o confronto com uma situação crítica para a qual a família não possui recursos suficientes que lhe permitam enfrentá-la; isto porque nem todos os indivíduos, nem todas as famílias têm uma mesma flexibilidade, uma mesma capacidade de adaptação à mudança que lhes permita evitar a ruptura face a uma «ameaça» grave.

É neste contexto que surge a noção de crise ou desequilíbrio.

1.2. *A crise e a sua importância*

Ao longo da vida, o indivíduo vem sendo «submetido» a situações e movimentos que lhe exigem reorganizações quer ao nível individual quer da sua vida relacional.

Uns autores falam-nos de crises, outros de fases de maior ansiedade, outros ainda de momentos transitórios do desenvolvimento do indivíduo.

Mas, seja qual for a terminologia utilizada ou

(*) Psicóloga Clínica no Departamento de Psicologia Clínica da Maternidade Alfredo da Costa.

a abordagem teórica da questão, o que é certo é que atravessar estas situações apela à necessidade de reorganização.

Quando falamos do conceito de crise, podemos, em sentido restrito, pensar naquilo que ocorre quando um determinado acontecimento afecta de tal forma o equilíbrio de um indivíduo (ou e uma família) que torna impossível manter, sem ajuda, o funcionamento habitual.

Podemos portanto considerar que, quando um indivíduo ou uma família não conseguem facilmente mobilizar os seus mecanismos de defesa para enfrentar um problema se dá um desequilíbrio psicológico; este desequilíbrio é, habitualmente, acompanhado de um aumento de ansiedade e dos vários sentimentos de desconforto que todos conhecemos e que tornam difícil o reequilíbrio.

É no momento em que a situação fica de tal modo insatisfatória, intolerante e desequilibrante que é indispensável pensar numa intervenção psicológica de apoio no sentido de «desbloquear» para uma «resolução».

Numa perspectiva desenvolvimentista, este desequilíbrio pode ser considerado benéfico no sentido em que, se bem «resolvido» conduzirá a um novo equilíbrio, permissor de um enriquecimento do nível de funcionamento do indivíduo (ou família).

2. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: EXEMPLO DE UM FACTOR DE CRISE NO INDIVÍDUO E NA FAMÍLIA

A gravidez na adolescência surge, frequentemente, como um dos grandes desencadeantes de desequilíbrio no funcionamento psicológico no indivíduo e na família.

2.1. *A Adolescência*

Todos sabemos que a adolescência é uma fase caracterizada por confusões, contradições, ambivalências lidadas e geridas num processo condutor à formação de Identidade.

A adolescência situa-se entre dois polos importantes: a dependência ligada à necessidade de protecção e a independência ligada à necessidade de autonomia mas, em simultâneo, há uma gran-

de insegurança; é importante o controlo mas, não é menos importante a liberdade.

É um período difícil para o adolescente mas também para os pais. É importante conseguir construir um equilíbrio entre os dois polos para a promoção do crescimento mas, isto nem sempre é fácil.

Se é verdade que o filho está num processo de crescimento também os pais estão a desenvolver-se como pais e, nem sempre é confortável perder o estatuto de pais de crianças, sempre presentes e fáceis de controlar, para passar a ser pais de futuros adultos, independentes, que já ameaçam com o abandono, evocando a solidão.

No adolescente, está tudo em processo de mudança: é o corpo, são os desejos que nem sempre conseguem realizar, é o constatar a sua própria impotência para realizar o que julgavam fácil; é o sentir-se subitamente invadido por uma intensa necessidade de amar e ser amado.

Esta necessidade, vai levá-lo a voltar-se para o exterior numa busca incessante de quem lhe corresponda. Paira em torno dele e no seu interior a possibilidade e a vontade de viver as relações amorosas, bem características desta fase.

Isto conduz-nos rapidamente à temática da sexualidade, uma das questões quentes, quando se fala de adolescência. Mas, é importante ressaltar que não a pensamos traduzida unicamente no desejo de namorar ou de fazer amor; pensa-mo-la como algo bem mais vasto, como algo que é reflexo de uma interiorização de um conceito transmitido pelas mais variadas formas, desde o início da vida.

Surge aqui a importância do diálogo pais-filho sobre esta questão: é indiscutível o quanto é fundamental a comunicação mas, não é menos importante o conteúdo dessa comunicação, conteúdo esse que deve permitir uma mensagem integradora de informação e amor não se restringindo à mera informação técnica do sexo e dos anti-concepcionais.

Temos, por outro lado, que o início das relações sexuais vem sendo cada vez mais precoce; parece que vem havendo uma procura cada vez mais directa de excitação e prazer e, cada vez mais cedo.

Hertz considera que, nos adolescentes e principalmente nas raparigas, as relações não são só nem principalmente procura de sexo, mas desejo de carinho, ternura e segurança; um pouco como

se a procura directa de prazer funcionasse como uma tentativa de remediar uma sensação de vazio interno; como se houvesse uma confusão entre ternura e interesse sexual.

A cada vez mais precoce entrada neste jogo sexual conduz a um cada vez mais precoce risco de uma gravidez que pode, também ela, funcionar como uma forma de satisfação desse tal sentimento de vazio interno.

Consideramos que Gravidez, Maternidade, Paternidade na adolescência implicam uma contextualização específica porque compreendidos numa fase bem específica do desenvolvimento.

A adolescência, enquanto fase e processo de procura e construção de identidade pode, portanto, ver-se complicada quando surge uma gravidez.

Considerar uma gravidez na adolescência é considerar um duplo esforço de adaptação interna e uma dupla movimentação de duas realidades que convergem num único momento: estar grávida e ser adolescente.

2.2. *A gravidez na adolescência*

É importante, no entanto, ressaltar que é diferente a forma de viver a adolescência consoante o contexto sócio-cultural em que nos inserimos e, conseqüentemente, é diferente a forma de viver uma gravidez neste período.

Para uma rapariga de uma família de cultura caboverdiana ou de raça cigana, o impacto e a aceitação de uma gravidez são totalmente diferente para ela e para a família; para ela, será mesmo um motivo de gratificação e valorização no seio da sua família e da sua cultura. O mesmo não acontece quando a gravidez surge ocasionalmente numa rapariga urbana, estudante, onde o projecto de maternidade não cabe no imediato; aqui, toda a dinâmica individual e familiar fica subitamente alterada e, por vezes, mesmo em desequilíbrio.

É em torno desta dinâmica alterada que vamos centrar a nossa preocupação. Preocupa-nos quando surgem de um modo desequilibrado e desesperado frases como «A Carla engravidou! E agora?».

Algumas das características do pensamento e do funcionamento emocional dos adolescentes propiciam um maior risco de uma gravidez oca-

sional. Por exemplo, o egocentrismo; o pensamento mágico; o baixo autocontrolo; o baixo sentido de responsabilidade; a dificuldade em antecipar as conseqüências dos seus actos; a necessidade de agradar; a necessidade de explorar o corpo próprio e o do outro; a ambivalência face ao desejo de engravidar (considerando a gravidez enquanto «promoção» a ser mulher). Estes aspectos, acrescidos de um início de vida sexual mais precoce e de uma grande mudança ao nível dos valores referentes à sexualidade, concorrem para um aumento da gravidez na adolescência.

Por outro lado H. Deutsch diz-nos que «o desejo consciente ou inconsciente de ter um bebé pode ser mais forte do que os argumentos racionais ou sociais que se lhe opõem!».

Mas, independentemente das causas ou «motivações» que levam ao surgimento de algum modo inesperado de uma gravidez precoce, o que é certo é que ela implica sempre a tomada de uma decisão:

1. Prosseguir a gravidez e ficar com o bebé
2. Prosseguir a gravidez e dar o bebé para adopção
3. Interromper a gravidez.

Qualquer das decisões implica uma reflexão; tarefa adulta para a qual a adolescente nem sempre está preparada.

Por vezes, o equilíbrio emocional balança; é de extrema influência o apoio da família, dos amigos, da comunidade, da escola.

Frequentemente, também o equilíbrio da família balança; é comum o choque; é muitas vezes um acontecimento que faz oscilar estrutura familiar no seu todo.

Mas, por outro lado, é fundamental para o equilíbrio emocional da adolescente o papel da família como ajuda – ajuda e não pressão – corresponsabilizada na tomada de decisões e no apoio a qualquer das decisões tomadas.

Mas, como referia atrás, qualquer decisão é exigente para a rapariga:

- Exige-se lidar com o sentimento de pecado e de culpa.
- Exige-se o esforço de ajustamento à gravidez e expectativa de maternidade.
- Exige-se a perda prematura da condição de adolescente.

- Exige-se frequentemente um casamento.

Ou, se se opta pela interrupção da gravidez ou pela adopção, podem crescer-se ainda sentimentos de culpa e de vergonha.

Por outro lado, uma gravidez ocasional faz surgir frequentemente conflitos marcados como:

1. A dependência dos pais quando há, em simultâneo, uma «luta» pela independência.
2. Ter que assumir ser mãe ou pai ao mesmo tempo que quer ainda ser filho cuidado.

Finalmente, põe em conflito a necessidade de ser adolescente com a necessidade a que «obriga» o bebé.

Resumidamente, podemos enumerar algumas alterações psicosociais mais frequentes na adolescente e na família quando surge uma gravidez precoce não planeada:

1. Alteração na relação com o próprio.
2. Alteração na relação com os pais.
3. Alteração na relação dos pais, com a adolescente.
4. Redefinição dos papéis familiares.
5. Modificação na relação com o pai do bebé.
6. Alteração na relação com os amigos.
7. Abandono da escola.
8. Necessidade de ingresso no mundo do trabalho.

2.3. Intervenção

Neste quadro de desequilíbrio, familiar e individual é frequente a necessidade de ajuda do exterior com vista á promoção de um novo equilíbrio, mais evoluído, se considerarmos uma perspectiva desenvolvimentista; é frequente a necessidade de promover um reajustamento psicosocial nos adolescentes e na família.

Pensamos que só é possível colaborar nessa ajuda e nessa promoção através de uma intervenção multidisciplinar que se organize em torno de alguns objectivos que podemos sistematizar do seguinte modo:

1. Criar condições para a expressão dos sentimentos em relação a si própria e á gravidez (exemplo: culpa, raiva, medo).
2. Promover a relação com os pais ou outros adultos de suporte (exemplo: incentivar a ado-

lescente a contar á família e em simultâneo, ajudar a lidar com as consequências).

3. Conduzir á compreensão da gravidez inserida num programa de cuidados pré-natais adequado.

4. Apoiar na tomada de decisões de um modo coerente, consciente e realista, relativamente a si própria e ao bebé, reflectindo sobre as diferentes opções e, se necessário, fazê-lo em conjunto com a família e o pai do bebé.

5. Informar e prevenir dos riscos sociais que podem advir.

6. Avaliar e reflectir sobre a relação com o pai do bebé.

7. Promover o desenvolvimento de competências parentais no sentido de facilitar no estabelecimento da relação com o bebé (exemplo: das informações sobre o desenvolvimento do bebé).

8. Encaminhar para Consultas de Planeamento Familiar.

9. Acompanhar e promover o desenvolvimento afectivo da adolescente.

10. Incentivar e reflectir sobre o futuro (exemplo: ajudar na elaboração de projectos ao nível da escola e/ou trabalho).

Pretende-se, deste modo ajudar a tornar a gravidez e a maternidade experiências promotoras do crescimento da adolescente: experiências promotoras do crescimento da família.

BIBLIOGRAFIA

- Correia, M.J., & Alves, M.J. (1990). Gravidez na Adolescência: O Nascimento de uma Consulta e de um programa de intervenção. *Análise Psicológica*, VIII(4), 429-434.
- Costa, M.E. (1994). *Divórcio; Monoparentalidade e Recasamento. Intervenção Psicológica em transições familiares*. Porto: Edições ASA.
- Dolto, F., & Dolto, C.T. (1991). *Palavras para Adolescentes*. Amadora: Bertrand Editora.

RESUMO

A autora apresenta-nos a gravidez na adolescência como um exemplo de um factor desencadeante de desequilíbrio funcionante do individuo e da família.

Após uma pequena-reflexão sobre as exigências de adaptação, internas e externas, a que a gravidez «obriga», quer a adolescente, quer os familiares próximos, a autora apresenta um breve esquema dos objectivos a

que se propõe uma equipa com um plano de intervenção específico para esta área clínica.

ABSTRACT

Preganacy in adolescents is seen as an example of

temporary lock of stability of the individual and her family. After a consideration of the internal and external adaptation the adolescent and her family have to do the author delineate the objective a work team should have for a specific intervention plan for this area.